

# EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

ENCONTRO ENTRE CULTURAS, DIÁLOGO DE SABERES.

Patrícia Cristina de Aragão Araújo

*Universidade Federal da Paraíba.*

## Resumo

O artigo discute a interculturalidade na educação no contexto da globalização. Trata-se de um artigo de revisão onde nos propusemos a discutir a educação pelas lentes de Paulo Freire. Para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica nos aportamos nos estudos de Freire e Fleuri, que procuram discutir respectivamente a educação como cultura e a interculturalidade em suas reflexões. Destacam-se a questão da globalização e os reflexos desta sobre a cultura, procurando a partir deste ponto discutir a educação inserida no âmbito da globalização. Neste estudo analisa-se a importância do trabalho de Paulo Freire e sua contribuição e legado para educação. Observou-se, que diante de um quadro complexo apresentado pela conjuntura social mundial e brasileira, a educação intercultural favorece a interação entre os sujeitos sociais, propiciando a integração entre eles em suas diversidades culturais.

Palavras-chave: educação intercultural; cultura; globalização; pensamento freireano.

## Introdução

A educação neste início de século encontra vários desafios, entre eles está o de promover respeito às diferenças étnicas, lingüísticas culturais, raciais, de gênero e de condições sociais que propicie a iminência de uma democracia plural, assentada no reconhecimento do outro em sua alteridade, o que possibilitará a formação de um cidadão participativo, emancipado e conscientizado de sua importância e seu papel na sociedade.

Neste sentido, uma educação que elabore uma proposta que contribua para a inclusão social é sumariamente importante e essencial para minimizar as exclusões sociais é essencial, propiciando, assim, uma prática pedagógica alicerçada numa pedagogia fomentadora das liberdades individuais e coletivas de cada sujeito social em suas identidade e diversidade culturais.

Entendemos que, a educação faz parte da cultura e ela exerce um papel fundamental na compreensão da realidade social, faz-se, portanto, necessário empreender processos educativos

que procurem pensar uma sociedade em que cada sujeito social que nela habita possa aprender a viver junto compartilhando saberes.

Deste modo, a cultura torna-se um dos elementos fundantes de compreensão do mundo em que vivemos e do lugar no qual estamos inseridos. Por outro lado, concordamos com Veiga-Neto quando afirma que: “a cultura é central não porque ocupe um centro, uma posição única e privilegiada, mas porque perpassa tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos”. (VEIGA-NETO, 2003, p.6).

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar a interculturalidade na educação, tendo como lustre as propostas de Freire de uma educação como cultura. Salientamos que a educação intercultural possibilita uma prática pedagógica cuja ação educativa, favorece o encontro entre culturas, viabilizando, dessa forma, o diálogo entre os saberes.

Sob esse prisma, delineamos os motivos que nortearam a escolha por esta temática. Inicialmente destacamos a importância de se compreender o conceito de cultura em Freire e a relação desta com a educação, uma vez que a cultura assim como a educação, é um dos importantes constituintes do pensamento freireano, conforme nos mostra Souza:

A preocupação central de Paulo Freire é a educação, inclusive a escolar, como um problema cultural, como uma atividade cultural e um instrumento para o desenvolvimento da cultura, capaz de contribuir para a democratização fundamental da sociedade, da própria cultura e para o enriquecimento cultural de seus diferentes sujeitos, especialmente dos sujeitos populares. (SOUZA, 2002, p.29)

O outro aspecto reside no fato de que a educação intercultural se apresenta, diante da atual realidade nacional e internacional, marcada pela globalização, como um campo conceitual amplo para se entender as diversidades culturais e propiciar a interação entre os sujeitos sociais, favorecendo a integração entre eles. Nesse sentido, adotamos como viés o conceito defendido por Fleuri no qual afirma que:

A educação intercultural, não sendo uma disciplina, coloca-se como uma outra modalidade de pensar, propor, produzir e dialogar com as relações de aprendizagem, contrapondo-se àquela tradicionalmente polarizada, homogeneizante e universalizante. (FLEURI e SOUZA, 2003, p. 73)

Argumentamos que, diante do mosaico complexo em que se apresenta o contexto mundial de globalização e de crises paradigmáticas, sobretudo, nas ciências humanas de um modo geral, a interculturalidade na educação à luz de uma abordagem freireana vem possibilitar o diálogo existente entre diferentes culturas no âmbito da educação, consistindo num importante meio de compreensão da realidade social brasileira.

Diante desta perspectiva, elaboramos o seguinte questionamento: qual a contribuição do pensamento freireano em se tratando de educação como cultura, para a educação intercultural? Deste modo, para organização do trabalho o dividimos em três seções. Na primeira seção, discorreremos acerca da globalização e seus impactos sobre a educação e a cultura. Na segunda,

nossa discussão recai sobre Paulo Freire, seu pensamento no contexto da educação brasileira, ressaltando aspectos importantes de seu trabalho e, particularizando, sobretudo, a questão da cultura e a sua importância para educação. E, por último, procuramos dialogar com o pensamento de Freire sobre cultura e, com base nestas premissas, discutiremos a questão da interculturalidade na educação, sobretudo, nos processos escolares.

## **1. A educação e a cultura numa sociedade globalizada.**

Buscamos nesta seção, refletir sobre os reflexos produzidos pela globalização sobre a educação e a cultura, e como na educação escolar tais influências têm sido vistas. Os impactos produzidos pela globalização sobre as sociedades no cenário mundial, de um modo geral, têm gerado diferentes processos de exclusão intensificando, assim, as desigualdades entre povos. Tais reflexos podem ser sentidos tanto na esfera socioeconômica, como no âmbito educacional e cultural.

De acordo com Candau, a globalização pode ser vista em vários ângulos entre os quais o econômico, mostrando que:

a globalização no plano econômico é um processo de desfazer fronteiras e pensar o mundo como um todo comunicável por regras e práticas comuns, que devem ser adotadas por todos indistintamente. Nesta perspectiva, muitas são as vantagens apregoadas a globalização: um mercado sem limites entre nações, ideal de liberdade máxima que se auto-regula, abrindo inúmeras perspectivas pros países de todos os “mundo. (CANDAU, 2002, p. 13).

É importante ressaltar que, a globalização elasteceu e destacou as desigualdades sociais, tanto entre continentes e países, como no âmbito regional e local; ela acarretou conseqüências tanto para o trabalho, como para educação e cultura.

No que se refere ao trabalho, a globalização foi ampliando o desemprego em detrimento da empregabilidade, sobretudo, nos centros urbanos, onde se verifica a expansão de crescentes problemas tais como: bolsões de miséria, pobreza e violência.

a globalização da economia torna cada vez mais visível o terciomundismo dos centros urbanos, revelando uma massa de excluídos, a polarização de classes, gênero e raça, com crescente número de sem-terra, sem-habitação, carentes de serviços urbanos básicos. Se a cidade global tem a face de muitos lugares, marcas de outros povos, diferentes culturas, por ser lugar de imigração, é também espaço de não-lugares, do transitório, do não-identitário e histórico. (VÉRAS, 1999, p.13)

Observamos que o processo de globalização ao mudar a face do mundo foi tecendo novos caminhos para as economias internacionais e nacionais, permitindo que as transformações que culminaram com o surgimento de novas tecnologias de informação e comunicação transformassem o perfil das sociedades a nível mundial.

Verifica-se, que os avanços das tecnologias contribuíram para que em termos financeiros, grandes conglomerados internacionais passassem a dominar a cena política e econômica, ditando as regras do mercado e propiciando mudanças no mundo do trabalho (IANNI, 1998).

Nesse cenário o advento da Internet, por exemplo, aumentou a velocidade da comunicação, levando cidadãos, em diferentes partes do mundo, a se conectarem e manterem intercâmbio de idéias, conhecimento e informação. O que se percebeu foi que houve ampliação dos mercados, favorecendo algumas economias e fazendo com que os processos produtivos diferenciados propiciassem um gigantesco avanço de empresas multinacionais, gerando espaços desiguais de enriquecimento e desenvolvimento num ritmo acelerado e excludente tanto econômico como social.

Ao analisar estas questões Castells argumenta que:

Uma nova economia surgiu em escala global nas duas últimas décadas, chamo-a de informacional e global para identificar suas características fundamentais e diferenciadas e enfatizar sua interligação. E informacional porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia (sejam empresas, regiões ou nações) dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. E global porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria-prima, administração, informação, tecnologia e mercados) estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos. E informacional e global porque, sob novas condições históricas, a produção é gerada e a concorrência é feita em uma rede global de interação. (CASTELLS, 2000, p.87)

Sem perceber as nuances particulares de cada nação ou comunidade, a globalização tenta homogeneizar culturas como se estas fossem uniformes, o que tende a provocar uma série de distúrbios internos nas comunidades, acentuando as desigualdades entre povos (SPOSATI, 1998; DOWBOR, 1998).

Pensar a cultura enquanto global e homogênea sem verificar sua pluralidade, é não observar os diferentes estilos de vida de cada habitante deste planeta, bem como suas relações em comunidade. Smith ao discutir a questão da cultura global afirma que:

A cultura global que está surgindo atualmente não está ligada a nenhum lugar ou período. Ela não possui nenhum contexto, é uma verdadeira miscelânea de componentes distintos extraídos de todas as partes e de lugar algum, trazidos pelos veículos modernos dos sistemas de comunicação global. (SMITH, 1998, p. 189)

Assim, diante de tantas mudanças como então pensar a educação e a cultura num quadro tão multifacetado como o que atualmente se apresenta?

O cenário atual é amplo quanto a debates em torno da educação e propicio para se pensar e discutir uma proposta educacional que venha a dar visibilidade às identidades e às diferenças

sociais existentes entre os sujeitos. Neste sentido, é fundamental propor uma educação que permita a formação de uma cidadania crítica, assentada em pilares democráticos e que possibilite o encontro entre as diferenças quer sejam individuais ou coletivas.

É sabido que, educação, hoje, enfrenta vários dilemas e desafios, e que os problemas advindos destes produzem reflexos sobre o cotidiano escolar, tanto aqueles relativos às questões de políticas públicas e gerenciamento de recursos, quanto aos concernentes ao educador e sua formação e relação com o educando; currículo, bem como os processos educativos e o analfabetismo, sendo este último um problema que, infelizmente, ainda faz parte do atual contexto da sociedade brasileira.

É essencial que estas questões sejam discutidas e repensadas, pois se o mundo tem trilhado por enfrentamentos diversos, a educação, em face desta realidade, deve propiciar meios para que se estabeleçam mudanças, pensando numa pedagogia para a paz que permita a construção da cidadania dentro e fora da escola. Arendt discutindo educação afirma que:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inaceitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. (ARENDR, 1993, p. 240)

Deste modo, a escola como recorte da realidade pensada a partir de uma educação emancipadora e centrada em preceitos pedagógicos, fomentados por uma pedagogia do diálogo, pode vir a ser um espaço de construção de consciências libertadoras e tornar-se inspiradora de uma democracia plural, calcada no encontro entre as diversidades culturais tanto no que se refere aos modos de vida e valores, costumes, hábitos e relações de sociabilidade como na forma de pensar e ver o mundo. Colaborando, assim, para o respeito ao outro enquanto diferente, estabelecendo inter-relações culturais e eliminando fronteiras entre povos, corroborando para o encontro entre eles, o que implica numa relação cultural e numa troca de experiências múltiplas e conhecimento (BRENNAND, 2003a).

Ressalta-se que a sociedade brasileira em sua origem já nasce sob a égide da diversidade, através do encontro entre diferentes culturas tais como: a ameríndia com a européia e esta última com a africana, bem como entre elas. Tal encontro nem sempre ocorreu de maneira harmoniosa, mas ao contrário, na nossa formação histórica a relação entre povos de diferentes culturas se deu de forma desigual em que o binômio encontro/conflito foi permeado por relações de poder, enfretamento e estranhamento ao Outro.

A ausência de diálogo conduziu ao estranhamento e a uma relação desigual, que muitas vezes ocorre no próprio ambiente escolar tanto entre educador-educando, quanto nos livros didáticos quando alguns autores enfatizam a questão da superioridade e desigualdade entre povos e culturas, mostrando a supremacia de um povo em relação a outro. Fleuri ao analisar este aspecto esclarece que:

a escola tem desempenhado o papel de agenciar a relação entre culturas com poder desigual (colonizadores x colonizados; saber formal escolar x saber informal cotidiano; cultura nacional oficial x culturas locais) contribuindo para a manutenção e difusão dos saberes mais fortes contra as formas culturais que eram consideradas como limitadas, infantis, erradas, superciosas. (FLEURI, 2003, p.18)

Diante do perfil que historicamente ilustra a nossa sociedade, que é culturalmente plural, mas que cria meios de diferenciação entre os sujeitos, a educação se coloca no âmbito deste processo “não pela anulação do conflito, porém pela apropriação do mesmo, direcionando o sentido da ação política na busca da construção de uma sociedade menos desigual e injusta” (GARCIA, 2001, p. 41). É, portanto, na escola, a partir de uma ação educativa dialógica referendada na participação intergrupala que serão traçadas as diretrizes para uma convivência pacífica. Freire ao discutir sobre o papel que a escola deve ter na sociedade argumenta que:

A escola de que precisamos, assim viva, assim democrática, não é escola que aparece por acaso. Sobretudo não é escola que funcione por acaso. Aqui, também, o nosso grande problema é o de passagem ou trânsito da escola livresca e antidemocrática para a escola democrática, formadora de hábitos de trabalho, de participação, de crítica, de solidariedade, com que o nosso educando, desenvolvendo a sua dialogação, se integre, com autenticidade, no clima cultural que ora vivemos. (FREIRE, 2001, p.98)

Deste modo, segundo a concepção freireana, uma educação que propicie a autonomia dos sujeitos sociais que nela estão envolvidos, que viabilize o diálogo, fazendo com que a ação educativa seja engajada na conscientização dos participantes do processo educativo e que possibilite as transformações sociais, vai refletir na escola onde esta será formadora de sujeitos críticos, integradora e, sobretudo, democrática, já que para muitos educandos ela consiste num espaço onde eles terão acesso a um conhecimento sistematizado além daquele que eles já têm a partir de sua família e comunidade (FREIRE, 1996.; FREIRE, 1970; BRENNAND, 2003a).

Segundo afirma Garcia:

a educação escolar não tem conseguido captar as manifestações culturais próprias do atual momento histórico e as relações entre os sujeitos em conflito. Percebe-se que crucial nesta abordagem é tentar resolver a ambigüidade que perpassa o fenômeno educativo, que é garantir continuidade ao sistema, promover a coesão social e legitimar o poder cultural, ao mesmo tempo, que dá conta das diferenças, das desigualdades e dos conflitos entre visões de mundo, valores, identidades culturais e interesses divergentes. Portanto não se trata, apenas de considerar o diferente mas de considerá-lo acrescido das relações assimétricas de poder. (GARCIA, 2001, p. 44)

Diante dos diversos conflitos que norteiam nossa sociedade quer sejam culturais, econômicos ou políticos e do espelho da realidade mundial, a educação tem enfrentado um quadro diverso de problemas. Portanto, para se prover uma educação que seja libertadora e para todos, torna-se fundamental vencer esses problemas e suprimir seus desafios. É mister que se reflita sobre os

meios social e cultural da escola, promovendo mudanças no processo educativo; repensá-la e refazê-la dentro de preceitos democráticos é fundamental.

Assim como a educação, a cultura também sofre os impactos da globalização e enfrenta desafios. Estes desafios advêm do fato de que se proclama uma sociedade global, onde a cultura se mundializa e é vista de forma uniforme o que implica em não levar em consideração os valores, tradições, hábitos, costumes, vida social de diferentes povos e suas realidades locais. Estes reflexos sobre a cultura numa sociedade, sobretudo, informacional repercutem de forma negativa sobre o cotidiano das pessoas em cada nação e comunidade, tornando-se visível nas próprias relações de sociabilidade existentes entre indivíduos e coletividades. Segundo Rodrigues:

As formas de sociabilidade tradicionais enraizavam-se em territórios concretos de pertença, hoje deixaram de, por si só, definir o quadro de representação da realidade e do sentido de experiência de gerar as normas de convivência social, de as gerir e de garantir a regulação das suas funções passaram a contar também com a existência de dispositivos transversais aos quadros de referências constituídos pelas fronteiras dos territórios concretos de enraizamento. A partir do momento em que as fronteiras geográficas tradicionais se tornaram permeáveis à penetração de informação tecnologicamente mediatizadas, assistimos a aceleração do processo de redefinição de novas formas de sociabilidade, autônomas em relação ao enraizamento territorial da identidade individual e coletiva, não formas concretas e estáveis, como aquelas que definiram a sociabilidade tradicional e até moderna, mas modalidades aleatórias, fluídas e movediças abertas em permanência a constantes variações. (RODRIGUES, 1994, p.218).

Verificamos, que a internacionalização da economia está determinando a mundialização das culturas (ORTIZ, 2000), onde o rompimento de fronteiras territoriais está contribuindo para que ocorra a supremacia de uma cultura sobre outras, ampliando cada vez mais os conflitos entre os povos quer sejam étnicos, religiosos ou econômicos. No que se refere à realidade brasileira, é necessário ressaltar que em face de um perfil tão culturalmente diverso que ela apresenta, cuja experiência histórica foi sempre marcada pelo conflito entre culturas diversas, é fundamental que haja respeito a essas diferenças, valorizem o Outro em sua alteridade, abrindo assim, caminhos para uma cultura de paz aportada na democracia, solidariedade, emancipação e ideais de liberdade.

## 2. Paulo Freire, uma prática de vida na arte de educar.

### 2.1 – A importância e contribuição de Freire à Educação: breve análise.

Anteriormente, destacamos no cenário nacional alguns problemas que a educação e a cultura têm encontrado, seus desafios e as perspectivas que se abrem para tentar modificar tal situação. Nesta seção, nosso propósito é, inicialmente, fazer uma breve síntese da importância e contribuição de Paulo Freire, introduzindo modificações no campo educacional, com uma proposta pedagógica em

que o diálogo, a conscientização, a emancipação dos sujeitos sociais que participam da ação educativa são instituintes fundamentais de sua prática.

No contexto histórico e educacional brasileiro, este pensador se destaca como um dos grandes expoentes, tanto pelo conjunto de sua obra como a contribuição e importância de seu pensamento que ultrapassou fronteiras nacionais e influenciou nações na América Latina, ultrapassando as fronteiras da América, chegando a África e mesmo a Europa. A obra de Freire é considerada por muitos estudiosos como sendo um grande legado para se pensar educação em seus aspectos teóricos e práticos na contemporaneidade.

A obra de Paulo Freire tem sido reconhecida mundialmente não apenas como uma resposta a problemas brasileiros do passado ou do presente, mas como uma contribuição original e destacada da América Latina ao pensamento pedagógico universal. Não se pode dizer que seu pensamento responda apenas à questão da educação de adultos ou à problemática do chamado “terceiro mundo”. (GADOTTI, 2003, p. 108).

O pensamento de Freire tomou amplitude nos fins dos anos 50 e início dos anos 60, período em que o cenário cultural, social, político e econômico brasileiro era de mudanças. Na realidade, estudiosos consideram este período como muito fértil no que se refere a história da Educação.

Compreender este período é sumariamente importante, pois ele é rico em contribuições para a educação brasileira. Entre estas se destaca a atuação de Freire e seus estudos da educação no Brasil, principalmente, em questões relativas à alfabetização, uma vez que o analfabetismo e a não escolarização eram muito presentes na realidade educacional brasileira antes e depois da eminência do golpe militar de 64 (SCOCUGLIA, 1997).

Face ao panorama em que se apresentava a luta de Freire por melhoria na educação, não apenas no sentido de revitalizá-la, mas também transformá-la a partir das suas bases, muito colaborou na maneira de pensar e fazer educação neste país. Suas idéias sobre educação e cultura e a relação existente entre elas, modificaram a forma de pensar a educação no Brasil; e suas práticas nos Movimentos de Cultura Popular e de alfabetização de adultos, revitalizaram o sistema educacional lhe dando novos significados e sentidos.

Paulo Freire é um pensador de uma transbordante criatividade. Olhados no conjunto do campo das idéias de seu tempo, os seus escritos, a proposta de seu sistema de educação e seu método de alfabetização, possuem a qualidade do novo e do perenemente consistente, como a proposta que, uma vez estabelecida, renova tudo a sua volta e perdura. Trabalhando como o educador de seu tempo ( e este reconhecimento é muito forte em todo os seus gestos, em toda a sua obra), ele nos legou um tipo de pensamento sobre a pessoa humana, sobre a política das relações sociais, sobre a dimensão cultura desta política e sobre o ofício de educador, que certamente haverá de atravessar vários tempos de nossa história, e de outras. Outros povos, outras eras. (BRANDÃO, 2002, p. 14)



Podemos então afirmar que: “Como homem do seu tempo, cada vez mais incerto de suas certezas” advogado do processo de conhecimento crítico (consciente de sua incompletude) este educador não parou de “fazer história” e de “ser feito por ela”(SCOCUGLIA, 2003 p.25).

Freire foi profundamente preocupado com as questões de seu tempo e com os problemas de seu país, principalmente aqueles relativos à educação. Ele foi antes de tudo: “sensível e telúrico. Corpo e sentimentos profundamente enraizados em sua terra” (ROSAS, 2003, p.73). E foi, com essa força que lhe emanava que ele contribuiu e foi tecendo os fios da história da educação brasileira em sua contemporaneidade.

A partir das preocupações de Freire com a educação, vista a partir das lentes focalizadas no Nordeste, este propôs mudanças que ganharam evidencia no cenário nacional e internacional. Sua criticidade e rigor não lhe tiraram sua sensibilidade, pois ele soube perceber e analisar de maneira brilhante os problemas educacionais brasileiros. Segundo Andreola:

Para compor sua teoria do conhecimento, Paulo partiu de suas próprias experiências, associou sua razão lúcida com suas qualidades pessoais que provocava sua inteligência, interpretou cuidadosamente o contexto histórico brasileiro, estudou exaustivamente obras de educadores e filósofos. Assim, dos velhos conhecimentos criou um novo revolucionário porque conviveu com o povo. Sofreu com ele. Jamais partiu de idéias abstratas, tiradas do bolso do colete ou da gaveta da escrivaninha. Escutar o Outro, escutar o povo não é só ouvir os sons emitidos. É ouvir a voz de dor e das necessidades, recolhê-la, entendê-la. (ANDREOLA, 1999, p.147)

Para Freire o ser humano é um ser em construção, ou seja, inacabado. Esta incompletude lhe permite construir e desconstruir sua própria história e ao mesmo tempo trilhar caminhos diferenciados em busca de seu próprio aprimoramento. Na educação, isso vai refletir na maneira como ele concebe o mundo, a sociedade, o ser humano e a cultura a qual pertence.

Somente os seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de libertar-se desde, porém, que sua reflexão não se perca numa vaguidade descomprometida, mas se dê no exercício da ação transformadora da realidade condicionante. Desta forma, consciência de e ação sobre a realidade são inseparáveis constituintes do ato transformador pelo qual homem e mulheres se fazem seres de relação. (FREIRE, 2002d, p.78)

A educação foi, a pedra de toque das preocupações de Freire e sua proposta de uma prática educativa conscientizadora objetivando a emancipação do educando têm como baliza a pedagogia do diálogo. O diálogo para ele é fundamental na culminância de um mundo melhor e a possibilidade de ir ao encontro do outro estabelecendo relações harmoniosas com ele.

A atuação de Freire por uma educação libertadora pode ser vista enquanto prática educativa nos próprios movimentos de educação de base, em campanhas de alfabetização e também nos Movimentos de Cultura Popular. Os movimentos de cultura popular e alfabetização quebraram com o tradicionalismo na educação, principalmente no que se refere à alfabetização de jovens e adultos. Além destes, podemos destacar os círculos de cultura, que criados durante este período

enfativavam bem a proposta do método Paulo Freire de alfabetização e do próprio significado que adquire ensinar e aprender.

Observamos, que nos círculos de cultura a participação dos alunos era mais dinâmica. Na realidade a ação educativa estava centrada na tríade coordenador-diálogo-participantes, em que o coordenador substituía a figura do professor, e, também a aula ao estilo tradicional. Deste modo, partia-se da própria realidade do educando e sua experiência social, assim, a dinamicidade do método. Scocuglia ressalta que: “A idéia era que o aluno partindo de uma situação existencial que lhe fosse próxima,” retivesse” o conjunto, antes dos detalhes, para depois associá-lo a um determinado objeto e, a seguir a sua forma gráfica. (SCOCUGLIA, 2003, p.)

O método partia da própria compreensão do mundo do educando, ou seja, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, após isto Freire escolhia e selecionava as palavras significativas, em seguida, verificava a articulação da palavra geradora, e a partir desta etapa ocorria a elaboração de fichas de leitura.

Em Guiné Bissau, por exemplo, após a luta do povo guineense pela sua libertação da hegemonia neocolonial portuguesa, o pensamento freireano floresceu e disseminou no país e seu método ganhou ênfase e apoio por parte do novo governo no poder, difundindo-se por outras partes da África.

Na realidade ao se fazer uma leitura do pensamento e obra de Paulo Freire, percebemos que, este educador foi um pensador à frente de seu tempo, que procurou ler a própria realidade sociocultural do seu povo, suas mazelas, e a partir daí empreender uma pedagogia, alicerçada no diálogo, cuja prática social e educativa permitiu que, inúmeros sujeitos sociais participantes do processo educativo, pudessem emergir enquanto seres conscientizados e politicamente participantes de seu papel social.

Neste sentido, para Freire: “A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância” (FREIRE, 2002, p. 47).

Dessa forma, verifica-se que toda obra e legado deixado por Freire, não têm sua importância apenas para a educação e cultura brasileira. Acreditamos que sua contribuição vai, além disso, o modo como pensou o ser humano e sua inserção na sociedade, a maneira como deu a educação mais que um processo de educar, ou seja, um ato de liberdade e emancipação, concedem a Freire um papel especial nas páginas da história social e cultural brasileira, bem como na história da educação a nível nacional, e, transcendendo a isso, no espaço educacional mundial. Ele refletiu de maneira singular, em seus estudos, a educação e a cultura como constituintes necessários que participam na transformação do ser humano e, conseqüentemente, da sociedade.

Isso o faz rico não apenas na condição de ser humano cuja beleza pode ser encontrada no seu pensamento e nas suas obras, mas, sobretudo, porque sendo gente, vivenciou como tal, toda dimensão de sê-lo. Como disse o próprio Freire:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais, políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também, que os obstáculos não se eternizam. (FREIRE, 2002, p. 60).

## 2.2 – Reflexões sobre o conceito de cultura em Freire

Para se discutir a interculturalidade na educação à luz de uma perspectiva centrada nas propostas de Freire, é de fundamental importância discutir como ele conceitua a cultura, como a percebeu e a relação que fez com a educação, para então a partir daí podermos compreender o que é cultura em Freire e de que modo, tal concepção pode contribuir para se pensar a educação intercultural. Se a educação é a mola mestra do pensamento freireano, a cultura adquire também o mesmo significado, o que vem fundamentar sua compreensão de educação e a maneira como ela pode ser um elemento fomentador da liberdade dos sujeitos sociais.

O conceito de cultura em Freire perpassa quase toda a sua obra, como campo de produção de significados. É nela que os sujeitos sociais, através de suas experiências humanas coletivamente construídas lutam e resistem na imposição dos seus costumes, hábitos, modos de viver, formas de se relacionar e laços de sociabilidade, para manterem vivo aquilo em que acreditam. Deste modo, na definição de Freire, a cultura é vista:

como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como resultado do seu trabalho, do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de suas relações. A dimensão humanista da cultura. A cultura como aquisição sistemática da experiência humana, como uma incorporação por isso crítica e criadora, e não como justaposição de informes ou prescrições “doadas. (FREIRE, 1972, p. 121)

Para Freire, “o mundo da cultura que se alonga em mundo da história, é um mundo de liberdade” (FREIRE, 2002, p.62). Liberdade que se torna possível no momento em que consciente de sua incompletude e do seu papel e luta, o ser humano, através da própria prática social e cultural, dá um sentido novo a sua existência e sua condição humana.

Cultura é um termo polissêmico, uma expressão da produção humana que tem seus sentidos em diferentes sociedades. O ser humano enquanto um ser produtor de cultura foi capaz de expandir seus horizontes, libertando-se, criando e recriando suas próprias condições de vida. Na história da humanidade, não há sociedade sem cultura, ela é partícipe da própria historicidade do ser humano.

A cultura é uma relação social que se transforma e transforma homens e mulheres participantes desta relação, mesmo tendo experiências de vida diferenciadas entre si e modos de vida específicos, eles não deixam de se relacionar com o contexto social mais global.

Segundo Freire, o ser humano é um ser histórico que através do seu trabalho vai mudando as faces da sociedade e do mundo, dando-lhes novos contornos. Esse fazer de homens e mulheres tem na cultura seu referencial.

Enquanto construção social, a cultura dá ao ser humano, uma outra conotação à sua própria existência, através dela eles compartilham saberes, se relacionam e coletivamente dão sentido novo as suas vidas. A partir da cultura pode-se fazer uma leitura da realidade de cada sociedade e procurar entendê-la em seus significados.

De acordo com Freire, a cultura pode ser vista: “como resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, do seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens”.(FREIRE, 1982, p.45). É, portanto, pelo diálogo que os seres humanos mantém relação entre si, e conhecimento de si e do mundo a que pertence.

Lima, citando o conceito de cultura em Freire, mostra que para o autor cultura também pode ser compreendida:

como uma totalidade de produtos significativos criados pelos homens através de sua práxis e seu trabalho (ação). Esta totalidade compreende o universo simbólico e “abrangente” em que os homens atuam enquanto seres conscientes. Ou seja, compreende todos os “bens materiais, objetos sensíveis, instituições sociais, ideologias, artes, religiões, ciência e tecnologia criados pelos homens. (LIMA, 1981, p. 107)

E destaca, ainda, que Freire chama atenção ao fato de que:

A cultura, por conseguinte, deve ser compreendida enquanto resultado da práxis e do trabalho humanos em sua relação dialética com o mundo. Ela compreende o universo simbólico e “abrangente” em que os homens atuam como seres conscientes. Não é uma coisa, mas uma relação, um processo dialético em permanente movimento, criado pelo homem, mas que, ao mesmo tempo, o cria. (LIMA, 1981, p. 109)

Vanucchi (1999), destacando a importância de se entender a cultura, mostra que ela é específica ao ser humano, só ele a produz e o desenvolvimento dela vai depender da própria condição humana de ser complexa, acrescentando sempre um novo elemento ao seu significado. O ser humano enquanto um ser produtor de cultura foi capaz de expandir seus horizontes, libertando-se, criando e recriando suas próprias condições de vida. Na história da humanidade, não há sociedade sem cultura, ela é partícipe da própria historicidade do ser humano.

Para Sodré e Trindade: “De um lado está a educação, e do outro, a idéia de cultura como lugar, a fonte de que se nutre o processo educacional para formar pessoas, para formas consciências. (SODRÉ e TRINDADE, 200, p. 17)”.

E continuam afirmando que:

Uma cultura democrática hoje, implica no resgate de uma memória coletiva dentro da experiência histórica da democracia política. Mas é preciso reinventar essa democracia dentro do quadro social da realidade brasileira, que é um quadro de heterogeneidade cultural, de diversidade cultural. Então, é preciso que a atitude e o comportamento democrático se estenda organicamente a todo mundo que partilha a vida social. (SODRÉ e TRINDADE, 2000, p. 21)

Assim, educação em Freire é vista como uma ação cultural, em que homens e mulheres coletivamente e individualmente produzem conhecimentos, e estes saberes, contribuem para a transformação da sociedade. Para o autor, a ação educativa tem sua dinamicidade e ao mesmo tempo, é objeto de transformação dos sujeitos sociais que dela fazem parte. Trindade analisando as proposições de Freire com relação a este aspecto ressalta que:

o ser humano é sujeito do ato educativo, não sendo possível qualquer ação ou reflexão sobre o processo educativo que não parta do ser, cuja existência sustenta e dá sentido à ação educativa. A base epistemológica deste conhecimento é, pois, a problematização da condição humana, a busca partilhada e participada por homens e mulheres que aprendem uma relação dialética com o mundo. Trata-se aqui do “homem-corpo-sujeito-consciente, ser cultural que faz o seu projeto educativo no, com e para o mundo e não o “homem-corpo-objeto.”(TRINDADE, 2003, p. 133)

Uma educação crítica e dialogal permite a formação de um cidadão crítico e atuante na sociedade face os problemas que ela apresenta. A educação coloca-se, assim, como elemento fundante, que permite ao ser humano, mesmo face às diversidades sociais e as desigualdades econômicas, ser uma pessoa produtora de cultura e agente de sua própria história. Pela cultura homens e mulheres transformam a educação e na educação eles se libertam (OLIVEIRA, 2003; BRENNAND, 2003b).

Nessa ótica, compreende-se que homens e mulheres intervêm no mundo, deixando sinais de suas existência como protagonistas da História e a cultura pode lhes permitir tal intervenção. Conforme afirma Freire: “Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.”(FREIRE, 2002, p.85-86).

### 3. Educação intercultural, um olhar freireano.

A educação é importante no processo de mudança social e entre tantos desafios que ela enfrenta está o de no ambiente escolar, romper com a reprodução da cultura dominante que ocorre na escola. A interculturalidade na educação vem propiciar, além do fortalecimento da identidade cultural de diferentes sujeitos sociais, permitindo que estes sujeitos dialoguem entre si, o incentivo ao respeito e à convivência mútua entre grupos étnicos-culturais distintos, procurando dinamizar a relação entre as famílias, à comunidade e a escola.

A educação intercultural como uma ação educativa e prática pedagógica leva em consideração a pluralidade cultural dos sujeitos sociais. Neste sentido, preocupa-se com questões relativas a coexistência entre diferentes culturas, e relaciona-se a uma pedagogia do encontro; do encontro entre a diversidade cultural. Ela reflete sobre o encontro/confronto, ou conflito/acolhimento, que são elementos importantes para se fazer uma leitura da interculturalidade na constituição da sociedade brasileira.

Em que pesem as considerações, a relevância e necessidade deste estudo, se evidenciam, em função das mudanças ocorridas no mundo e, sobretudo, no que se refere ao discurso uniformizador da mundialização da cultura que sem perceber as singularidades locais, regionais e nacionais de cada país tende a criar novas formas de dominação cultural, desta vez a nível planetário.

E, também, porque no âmbito da educação em que se discute sobre seus desafios e, particularmente na escola, quando se discute sobre problemas relativos ao currículo, busca-se nele a valorização do potencial cultural de diferentes sujeitos sociais, tanto em relação a gênero, etnia, raça, língua, hábitos, costumes e modos de viver (BRENNAND, 2003c).

Assim, a educação intercultural emerge como uma necessidade, porque leva em consideração não apenas a diversidade cultural brasileira, mas chama a atenção para o reconhecimento do outro em sua alteridade e sua identidade, lutando contra a exclusão social, incentivando a interação, reciprocidade e acolhimento entre grupos sociais distintos.

Em tempos de globalização, acreditamos que a educação intercultural tem um papel fundamental na criação de caminhos para que se cultive uma cultura de paz, viabilizando a todos a igualdade de acesso aos benefícios educacionais e da cultura, valorizando os diferentes saberes tanto aqueles relativos ao da experiência como os saberes científicos. Conforme mostra Fleuri:

Globalizar pode significar homogeneizar, diluindo identidades e apagando as marcas das culturas ditas inferiores, das raças, etnias, gêneros, linguagens, religiões, grupos, etc. que, segundo a lógica das narrativas hegemônicas, foram identificadas como portadoras de deficiências, inclusive de racionalidade. (FLEURI, 2003, p.9).

A América Latina é constituída por sociedades multiétnicas, fruto de miscigenações que ocorreram desde seu processo de constituição. De modo que, esta miscigenação faz parte de nossas raízes.

De acordo com Canclini (1999), isto resultou num hibridismo cultural muito grande, assim, hoje se luta não só contra as desigualdades e os preconceitos, mas também, pela própria existência e sobrevivência no campo simbólico dos grupos sociais plurais.

Os estudos relativos à educação intercultural constituem-se num campo educacional que se estrutura e que procura abordar questões relativas as problemáticas sociais, que têm seus reflexos na educação escolar, buscando na formação da visão de mundo do educando, uma educação voltada para os valores de diversos povos, acreditando que o diálogo entre eles é possível. Fleuri e Souza, analisando estes aspectos da interculturalidade na educação afirmam que:

a educação intercultural se preocupa com as relações entre seres humanos culturalmente diferentes uns dos outros. Não apenas na busca de apreender o caráter de várias culturas, mas, sobretudo, na busca de compreender os sentidos que suas ações assumem no contexto de seus respectivos padrões culturais e na disponibilidade de se deixar interpelar pelos sentidos de tais ações e pelos significados constituídos por tais contextos (...) Recuperar o papel das culturas no processo educacional tanto em nível pessoal como letivo, implica reconhecer a interação entre diferentes modos de ser humano, que se desenvolvem como força de tensão. Tais campos de força intensamente conflitantes, podem estabelecer formas criativas de interação entre culturas diversas, possibilitando a reinvencão da existência humana. Nesta óptica, o reconhecimento das complexas e conflitantes relações interculturais pode ser fundamental para reverter os processos de exclusão estabelecidos pela adoção de mecanismos culturais hegemônicos que perpassam a escola e transformam em estrangeiros muitos sujeitos sociais.(FLEURI e SOUZA, 2003, p.69-70)

Assim, tendo em vista tais aspectos, torna-se necessário que no âmbito da família, comunidade e da escola, tanto no espaço local quanto no global, se evidencie e respeite as liberdades individuais e coletivas de grupos culturalmente distintos possibilitando a autonomia dos sujeitos sociais e a eminência de uma sociedade democrática, que como pensava Freire, assentada na emancipação destes sujeitos, possibilitando-lhes de fato e de direito sua autonomia, que será possível desde que haja diálogo entre eles. Sidekum refletindo a este respeito mostra que:

Um diálogo possível é requerido para podermos chegar ao consenso e ao debate, apesar das enormes dificuldades que se interpõem em nossa vida cultural. Com essa possibilidade do diálogo chegaremos, também, à síntese de posições conflitantes e confrontáveis. Este diálogo possível entre as pessoas e culturas deverá ser concebido e sustentado por uma educação sistemática e permanente em nossa sociedade, por meio das universidades, dos colégios, e, principalmente, através dos meios de comunicação social. Essa medida é imprescindível, em virtude da fraqueza ética e das constantes ameaças às instituições democráticas sofridas pela sociedade civil e em virtude da decadência moral experimentada pelo homem contemporâneo. (SIDEKUM, 2003, p. 236)

Para que isto ocorra, torna-se necessário vencer os preconceitos que sempre permearam a sociedade brasileira, quer sejam por classe, etnia, raça ou gênero. A escola reflete tais aspectos quando muitas vezes, alguns professores levam para a sala de aula e reproduzem junto aos seus alunos, toda carga de discriminação existente na sociedade, exaltando uma cultura em detrimento de outra, corroborando deste modo, para a exclusão cultural a partir do próprio ambiente escolar.

Tal atitude legitima o preconceito e colabora para a eminência de silenciamento de muitas vozes, deixando-as invisíveis. Para Freire a atuação democrática de um educador se verifica quando:

A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que

vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido.(FREIRE, 2002, 127)

Conforme Souza:

Uma educação para a formação do sujeito humano revela-se instrumento imprescindível. Isso, porém, só é possível se trabalharmos com as bases da sociedade – os setores subalternizados e/ou populares e a multidão anônima e errante produzida pelo neoliberalismo”.(SOUZA, 2002, p.163)

Neste sentido, a educação intercultural pleiteia uma prática docente em que um dos objetivos seja voltado para o respeito ao outro, em suas diferenças. Assim, tendo em vista o pensamento freireano que a educação e a cultura humanizam homens e mulheres e que através do diálogo permite a interação entre eles, a educação intercultural, numa perspectiva freireana, valoriza a promoção do encontro e interação, favorecendo o enfrentamento dos conflitos, com vistas a superar os mecanismos de controle social que contribuem para incidência de preconceitos em relação ao outro quer seja cultural, político, social ou econômico. Isto é de fundamental importância, uma vez que para Candau:”Um grande desafio lançado à sociedade atualmente é o de articular, da melhor maneira possível, os valores de autonomia, liberdade, direito à diferença e os valores da solidariedade e da igualdade” (CANDAU, 2002, p. 36).

Freire, desde os movimentos de cultura e educação populares, nos primórdios dos anos 60, promoveu o respeito às diferenças dos grupos sociais e suas identidades e diversidades culturais. Sua obra está recheada de estudos em que ele mostra a importância vital deste encontro, da interação com os sujeitos sociais, sobretudo, quando ele conclama isso através do diálogo. Este, o diálogo, na perspectiva freireana possibilita que ocorra o encontro entre seres humanos e o aprendizado entre eles em suas diferenças. A pedagogia freireana mostra isso em toda sua intensidade (Fleuri, 2003).

A convivência entre grupos sociais culturalmente diferentes é possível desde que, nesta relação, a comunicação entre eles através do diálogo, possibilite a interação inter-grupal a partir das trocas de experiências vividas. Neste sentido, haverá o fomento a uma democracia plural que caminhe para a culminância de uma cultura de paz e na construção de uma cidadania numa sociedade multiétnica que valorize os sujeitos sociais tanto individual como coletivamente, promovendo entre eles a igualdade dentro da diversidade. Neste enfoque, a interculturalidade na educação, na perspectiva freireana, contribui para que tanto dentro do ambiente escolar como fora dele, as identidades sejam compartilhadas no mundo cada vez mais plural.

Considerações finais:

As reflexões em torno da educação intercultural apontam para mudanças na educação escolar. Se a proposta de Freire de educação é que ela seja emancipadora e igualitária assentada numa prática dialógica, permitindo que os sujeitos da educação professor-aluno (educador-educando), estabeleçam o diálogo entre si, a educação intercultural na esfera escolar tende a conclamar a



valorização de culturas diferentes, entendendo o global a partir do local, estabelecendo conexões entre eles, sem que necessariamente estas relações, sejam relações de poder, mas que interajam propiciando, assim, que no universo escolar; questões étnico-raciais e diversidades culturais sejam discutidas, possibilitando a formação de um educando participativo, que respeite e valorize o outro em sua alteridade, compartilhando saberes numa prática educativa libertária.

#### Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. SP:Perspectiva, 1993.

ANDREOLA, B.A. Interdisciplinaridade na obra de Freire: uma pedagogia da simbiogênese e da solidariedade. In: Paulo Freire: ética, utopia e educação. 2ª.ed. SP:Vozes, 1999.

BRANDÃO, C. R. Em campo aberto. SP: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. Paulo Freire e todos nós: algumas lembranças sobre sua vida e seu pensamento. In: Paulo Freire: educação e transformação social. Recife: Editora universitária, 2002.

BRENNAND, Edna G.G. Paulo Freire e a pedagogia do diálogo. In: O labirinto da educação popular.

João Pessoa: UFPB/PPGE/Editora universitária/UFPB, 2003.

\_\_\_\_\_. Paulo Freire e o interculturalismo. Recife: Centro Paulo Freire/UFPE, 2003.

\_\_\_\_\_. Currículo e diversidade: construindo a gênese de um novo mundo. João Pessoa:UFPB, 2003.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura. 4ª.ed. SP:Paz e Terra, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas.

CANDAU, V.M. Nas teias da globalização: cultura e educação. In; Sociedade, educação e cultura(s): questões propostas. RJ:Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Cidadania e pluralidade cultural: questões emergentes. In: Sociedade, educação e cultura(s): questões propostas. RJ: 2002. DOWBOR, L. Globalização e tendências institucionais. In: Desafios da Globalização.RJ:Vozes, 1998.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 10ª.ed. SP:Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 32ª.ed. SP:Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. Educação como prática de liberdade. 3ª.ed. RJ: Paz e Terra, 1970.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a uma prática educativa. 32ª.ed. SP:Paz e Terra, 2001.

FLEURI, Reinaldo. Interculturalidade e educação. In: Revista brasileira de educação. São Paulo: n. 23, Maio/Jun/Ago, 2003.

\_\_\_\_\_. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: Educação intercultural: mediações necessárias. RJ:DP&A, 2003.

GARCIA, Dirce M.F. Diversidade cultural, conflitos e educação: algumas reflexões teóricas. In: Revista de Educação PUC-Campinas. Campinas, n.10. p.40-46, junho, 2001.

GADOTTI, Moacir. Saber aprender : um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. In: Compartilhando o mundo com Paulo Freire. SP:Cortez, 2003.

IANNI, Octavio. A política mudou de lugar. In: Desafios da globalização. RJ:Vozes, 1998.

OLIVEIRA, I. A. Leituras freireanas sobre educação. SP:Editora Unesp, 2003.

ORTIZ, Renato. A mundialização da cultura. SP: Paz e Terra,

ROSAS,Paulo. Papéis avulsos sobre Paulo Freire. Recife:Editora universitária/UFPE, 2003.

RODRIGUES, A. D. Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação. Lisboa:Editora Presença, 1994.

SOUZA, J. Francisco. Atualidade de Paulo Freire:contribuição ao debate sobre a educação na diversidade cultural. SP:Cortez, 2002.

SODRÉ, M.; TRINDADE, A.L. Cultura, diversidade cultural e educação. In: Multiculturalismo: mil e uma faces da escola. RJ:DP&A, 2000.

SCOCUGLIA, A. C. C. A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas. 4ª.ed. JP:Editora universitária/UFPB, 2003.

\_\_\_\_\_.A história da alfabetização política na ParaíbaBrasil dos anos sessenta. Recife: UFPE, 1997. (Tese de doutorado em História)

SPOSATI, A. Globalização: um novo e um velho processo. In: Desafios da Globalização. RJ: Vozes, 1998.

SMITH, Anthony D. Para uma cultura global? In: Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade. 2ª.ed. SP:Vozes, 1998.

SIDEKUM, Antonio. Alteridade e interculturalidade. In; Alteridade e multiculturalism. Íjuí: Editora Unijuí, 2003.

TRINDADE, Maria Nazaré. Cores, sabores e seres: voando com Paulo Freire. In: Compartilhando o mundo com Paulo Freire. SP: 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. In: Revista Brasileira de Educação. São Paulo: n. 23, maio/jun/jul/Ago, p. 5-14, 2003.

VÉRAS, Maura P.B. Fim de milênio: novas feições urbanas e velhas questões sociais. In: Revista Unicsul, n.5, São Miguel Paulista: UNICSUL, Abril/1999.

Fuente: Trabalhos de Pedagogia [en línea]

<http://trabalhosdepedagogia.blogspot.com/2010/11/educacao-intercultural.html>